

GRÃO-DUQUE  
ALEKSANDR MIKHAILOVICH

NÓS,  
OS ROMANOV

Tradução de  
Francisco Silva Pereira

alma  
dos  
livros

Alguém propôs como brinde: «Às nossas memórias.» Goethe bateu na mesa e disse: «Não gosto destas palavras. O brinde parece dar a entender que nos esquecemos e que algum acontecimento externo nos traz à lembrança as nossas memórias. As coisas que são grandes e belas nunca nos abandonam: tornam-se parte de nós. Não é o passado, mas o eternamente novo, que os nossos desejos querem que procuremos... O novo é, em si, uma criação de um número cada vez maior de elementos do passado. A verdadeira saudade deve sempre ser produtiva e dar forma a um eu novo e melhor.»

ROMAIN ROLLAND  
*Goethe e Beethoven*



*O Grão-Duque Aleksandr durante a guerra, na qual foi comandante-chefe das Forças Aéreas Russas.*

## *Prefácio*

**A** história dos últimos e turbulentos cinquenta anos do Império Russo constitui um pano de fundo, mas não é o tema deste livro.

Ao compilar este registo dos progressos de um grão-duque, recorri apenas à memória – todas as minhas cartas, diários e outros documentos, tendo sido em parte queimados por mim e em parte confiscados pelos revolucionários durante os anos de 1917 e 1918 na Crimeia.

Naturalmente, refiro-me com mais demora àqueles que tiveram um papel importante na minha vida pessoal: o Imperador Aleksandr II, o Imperador Aleksandr III, o último Czar Nikolai II, a Imperatriz Viúva Marie da Rússia (minha sogra), a Grã-Duquesa Xenia (minha mulher) e os meus pais e irmãos. Os outros – generais, ministros e estadistas – parecem ter sido generosamente mencionados, tanto nas suas próprias memórias como nos numerosos volumes dedicados à Revolução Russa.

Não tenho qualquer desejo de proceder a uma autópsia e fiz o máximo para evitar que a parcialidade e o preconceito influenciassem o meu discernimento. Com efeito, posso afirmar que já não existe amargura no meu coração.

Aleksandr, Grão-Duque da Rússia  
*Paris, outono de 1931*

## *Capítulo Um*

### OS NOSSOS AMIGOS DE 14 DE DEZEMBRO

**U**m homem alto de porte militar atravessou o pátio encharcado do Palácio Imperial de Taganrog e dirigiu-se rapidamente para a rua.

A sentinela pôs-se em sentido, mas o estranho ignorou-lhe a continência. No instante seguinte, tinha desaparecido na noite escura de novembro que envolvera aquele pequeno porto marítimo do Sul com um denso manto de neblina amarelada.

– Quem era? – perguntou o sonolento Cabo da Guarda no regresso da sua volta ao quarteirão.

– Acho – respondeu a sentinela, hesitante – que era Sua Majestade Imperial, de saída para um passeio matinal antecipado.

– Estás maluco, tu? Não sabes que Sua Majestade Imperial está gravemente doente? Os médicos perderam as esperanças na noite passada e contam que o fim chegue antes do novo dia.

– Pode ser que sim – disse a sentinela –, mas nenhum outro homem tem aqueles ombros curvados. Acho que já devia saber, tendo-o visto todos os dias nos últimos três meses.

Poucas horas depois, um pesado dobre de finados encheu o ar num raio de quilómetros, anunciando que Sua Majestade Imperial,

o Czar de todas as Rússias e conquistador de Napoleão – Aleksandr I –, havia falecido em paz.

Vários mensageiros especiais foram de imediato enviados para notificar o Governo em São Petersburgo e o Herdeiro Presuntivo, irmão do falecido Czar, o Grão-Duque Konstantin, em Varsóvia. Então, um oficial de confiança foi convocado e recebeu ordens para acompanhar os imperiais restos mortais até à capital.

Durante os dez dias seguintes, uma nação inteira que sustinha a respiração pôde ver um homem pálido e exausto, encolhido atrás de um caixão selado num coche fúnebre que seguia a uma velocidade que mais dava a entender um ataque da cavalaria francesa. Os veteranos de Austerlitz, Leipzig e Paris, colocados ao longo do extenso trajeto, abanavam duvidosamente a cabeça e diziam que aquele era sem dúvida um estranho clímax para um reinado de insuperável *glamour* e glória.

«O falecido soberano não ficará exposto em câmara-ardente», dizia a lacónica declaração emitida pelo Governo após receção dos despachos de Taganrog.

Em vão os embaixadores estrangeiros e os poderosos cortesãos tentaram encontrar uma explicação plausível para este mistério. Todos alegavam ignorância e perplexidade.

Entretanto, algo aconteceu que fez com que todos os olhares se voltassem do mausoléu imperial para a Praça do Senado. O Grão-Duque Konstantin abdicara em favor do seu irmão Nikolai. Num casamento feliz com uma plebeia polaca, sentia-se relutante em trocar a sua existência despreocupada em Varsóvia pelas vicissitudes do trono. Pedia para ser dispensado e esperava que a sua decisão fosse respeitada.

A sua carta fora lida pelo perplexo Senado numa atmosfera de sombrio silêncio.

Grão-Duque Nikolai – o nome soava-me vagamente familiar. Claro que havia quatro filhos na família do Czar Pavel I, mas quem podia esperar que o garboso Aleksandr morresse sem filhos e que o robusto Konstantin causasse tal surpresa à sua amada Rússia? Vários anos mais novo do que os irmãos, o Grão-Duque Nikolai seguira até dezembro de 1825 a rotina bem definida

de um homem dedicado a uma carreira militar, e o Ministro da Guerra parecia ser o único alto funcionário em São Petersburgo que fazia alguma ideia dos hábitos e talentos do novo Czar.

Um excelente oficial, um fiável executor de ordens, um paciente advogado que passara muitas horas da sua juventude à espera nas antecâmaras de altos comandantes. Um sujeito simpático com excelentes qualidades, mas um pobre rapaz que nada sabia dos complicados assuntos de Estado, uma vez que o irmão nunca o convidara a participar nas deliberações do Conselho Imperial. Felizmente para o futuro do império, teria de confiar no discernimento de estadistas experientes e patriotas. Esta noção trazia um certo conforto ao coração dos ministros que se iam encontrar com o jovem monarca da Rússia.

O encontro foi marcado por uma certa frieza. Em primeiro lugar, declarou o novo Czar, ele queria ver com os seus próprios olhos a carta do Grão-Duque Konstantin. Havia que estar preparado para todo o género de intrigas ao lidar com gente que não pertencia ao Exército. Ele leu-a cuidadosamente e examinou a assinatura. Ainda lhe custava a acreditar que um herdeiro presuntivo do trono russo não acatasse as ordens do Todo-Poderoso. De qualquer modo, o seu irmão Konstantin devia ter dado a conhecer os seus planos ao falecido Czar com antecedência suficiente para que ele, Nikolai, pudesse ter a possibilidade de aprender *le métier d'un Empereur* (a profissão de um Imperador).

Cerrou os punhos e levantou-se. Alto, bem-parecido e de constituição atlética, era um espécime perfeito de masculinidade.

– Devemos cumprir as ordens do nosso falecido irmão e os desejos do Grão-Duque Konstantin – concluiu ele secamente, e o seu recurso ao plural não escapou aos ministros. Aquele rapaz falava como um czar, restava ver se seria capaz de se portar como um. A ocasião apresentar-se-ia mais cedo do que o esperado.

Tendo o dia seguinte – 14 de dezembro de 1825 – sido estabelecido para o Exército prestar o seu juramento de fidelidade ao novo Czar, uma sociedade política secreta chefiada por jovens de berço nobre decidira aproveitar a oportunidade para uma revolta declarada contra a dinastia.

É muito difícil, mesmo passado um século, formar uma opinião definitiva sobre o programa daqueles que ficariam conhecidos como «os Homens de Dezembro» (*Dekabristy*). Oficiais da Guarda, cavalheiros filósofos e escritores, haviam decidido juntar-se não pela semelhança das suas ambições, mas por causa de um sentimento de identificação com os oprimidos, sentimento esse que havia sido libertado pela Revolução Francesa e era comum a todos eles. Nada que se assemelhasse a um acordo havia feito parte das suas discussões a respeito do que se faria no dia seguinte à queda do regime existente. O Coronel Pestel, o Príncipe Trubetzkoi, o Príncipe Volkonsky e outros líderes moderados do ramo de São Petersburgo daquela sociedade sonhavam com a construção de um Estado segundo os moldes da monarquia constitucional adotada por Inglaterra. Muraviev e os teóricos dos ramos provinciais clamavam por uma república robespierriana. Com a possível exceção de Pestel, um homem triste de mente matemática que se dera ao trabalho de elaborar um pormenorizado projeto de Constituição russa, as bases da organização preferiram centrar a imaginação na vertente espetacular da sua tentativa. O poeta Rylyev via-se no papel de Camille Desmoulins, a agitar as multidões e a proclamar a liberdade. Um jovem pobre e desequilibrado chamado Kakhovsky pregava a necessidade de imitar «o nobre exemplo de Brutus».

Entre os numerosos jovens seguidores atraídos pelos nomes dos descendentes das melhores famílias da Rússia estavam Kukhelbecker e Puschchin, dois colegas de escola do famoso poeta Pushkin. Este último, informado dos acontecimentos que se aproximavam, deixou a sua casa no campo e partiu para São Petersburgo; todavia, quando uma lebre assustada atravessou a estrada diante da sua carruagem, o poeta supersticioso deu ordens ao cocheiro para voltar para trás.

Seja como for, foi esta a história por ele contada aos seus amigos conspiradores, mas escreveu um belo poema dedicado à sua ousada empresa.

Embora a sociedade secreta tivesse sido formada em 1821, as suas atividades nunca haviam ido além das acaloradas reuniões



que tinham lugar nos apartamentos de Pestel, Ryljev e Bestujev-Rumin. Tendo em conta a conhecida capacidade dos Russos para se envolverem em debates intermináveis, é provável que, com tanta conversa, tivessem abandonado qualquer ideia de fazer alguma coisa, não fosse pelo poderoso impulso da misteriosa morte de Aleksandr I e da abdicação do Grão-Duque Konstantin.

– Agora ou nunca – disse Kakhovsky, brandindo a sua enorme pistola. O Coronel Pestel hesitou, mas a maioria apoiou o impetuoso tribuno.

Na noite de 13 de dezembro, sem terem chegado a uma decisão unânime, partiram para o quartel militar e passaram a noite em conversações com os soldados da guarnição de São Petersburgo.

O plano, se o havia, consistia em levar vários regimentos até à Praça do Senado e obrigar o Imperador a concordar com determinadas emendas à Constituição. Muito antes do amanhecer, tornou-se claro que a tentativa falhara. Apesar da excelente eloquência dos oradores aristocráticos e das longas citações de Jean-Jacques Rousseau, os soldados continuavam evasivos. A única pergunta por eles feita dizia respeito ao significado da palavra «constituição». Seria que os cavalheiros se referiam à mulher do Grão-Duque Konstantin?

– Ainda vamos a tempo de cancelar tudo – sugeriu Pestel.

– Tarde de mais – responderam os seus associados. – O Governo já foi informado do que se passa. Vamos acabar por ser presos e julgados. Havemos de morrer a lutar.

Por fim, alguns batalhões comandados por oficiais populares que pertenciam à sociedade secreta aceitaram avançar. O seu progresso pelas ruas em direção à Praça do Senado não encontrou resistência. O governador militar de São Petersburgo, o General Miloradovich, um dos heróis sobreviventes de 1812, sem rival na sua paixão pela dramatização de acontecimentos históricos, colocou um regimento de cavalaria leal e uma bateria de artilharia junto ao Edifício do Senado, mas permitiu que os conspiradores alcançassem o seu destino sem interferência.

Durante toda a manhã, um nevoeiro pesado estendera-se pelas margens do rio Neva. Quando se levantou por volta do meio-dia,

a multidão trémula de espectadores curiosos pôde ver os dois exércitos adversários, um diante do outro, separados por cerca de noventa metros de uma terra de ninguém.

Passaram-se minutos, horas. Os soldados começaram a queixar-se de fome. Os líderes da sociedade secreta sentiam-se desamparados e infelizes. Estavam dispostos a sacrificar a vida, mas o Governo não parecia inclinado a iniciar as hostilidades, e teria sido pura loucura tentar enviar a infantaria contra uma força combinada de cavalaria e artilharia.

– É uma revolução estagnada – disse uma voz algures na retaguarda, ao que uma explosão de risos saudou esta frase histórica.

De repente, um silêncio abateu-se sobre a multidão.

– O jovem Czar, o jovem Czar! Olhem para ele, a cavalo ao lado de Miloradovich.

Ignorando todos os conselheiros, que lhe haviam dito que não tinha o direito de arriscar a vida, o Imperador Nikolai I decidira assumir o controlo pessoal da situação. À frente de um grupo de oficiais, montado num grande cavalo, representava um alvo fácil para os revolucionários. Até um disparo medíocre dificilmente teria falhado.

– Vossa Majestade Imperial – pediu o assustado Miloradovich –, imploro-lhe que volte para o palácio.

– Vou ficar aqui – foi a resposta firme. – Alguém tem de salvar a vida desta pobre gente mal orientada.

Miloradovich esporeou a sua famosa montada branca e galopou em direção ao lado oposto da praça. Tal como o seu monarca, não tinha medo dos soldados russos. Eles nunca se atreveriam a disparar contra um homem que os havia liderado contra a Velha Guarda de Napoleão.

Parando diante dos revolucionários, Miloradovich fez um daqueles seus discursos que haviam inspirado muitos regimentos durante as batalhas de 1812. Cada palavra surtiu o devido efeito. Eles sorriam ao ouvir-lhe as piadas. Animavam-se com as alusões familiares. Mais um minuto e teriam seguido o seu «conselho fraterno de um velho soldado» e voltado para o quartel.

Naquele momento, uma figura escura surgiu entre eles e Miloradovich.

Pálido, desgrenhado, a cheirar a conhaque e sem nunca se ter separado da pistola desde o princípio da manhã, Kakhovsky disparou à queima-roupa: o resplandecente general tombou para trás na sela.

Seguiu-se um tumulto de vociferações indignadas em ambos os lados. O Imperador mordeu o beijo e olhou na direção da bateria. O eco repetiu por toda a cidade o troar das bocas de fogo.

A revolução estagnada havia chegado ao fim. À meia-noite, várias dezenas de soldados tinham morrido e todos os líderes estavam presos.

– Nunca esquecerei os meus amigos de 14 de dezembro – disse o Imperador semanas depois, e assinou as sentenças que condenavam Pestel, Kakhovsky, Bestujev-Rumin, Rylyev e Muraviev à força, e os restantes associados, à servidão penal na Sibéria.

E ele nunca esqueceu. Durante uma das suas viagens pela Sibéria, inteirou-se dos mais ínfimos pormenores da vida dos aristocratas exilados que involuntariamente se tornariam os predecessores de um movimento que alcançaria o seu objetivo noventa e dois anos mais tarde.

Também expressou o desejo de falar com um eremita conhecido como Feodor Kusmich, e fez um longo desvio para visitar a sua humilde cabana de toros no meio de parte nenhuma. O encontro não teve testemunhas, mas o Imperador ficou fechado com o santo durante mais de três horas. Saiu pensativo. Os ajudantes de campo pensaram ver-lhe lágrimas nos olhos. «Afinal», escreveria um deles, «pode haver algo de verdadeiro na lenda que nos diz que um simples soldado foi enterrado no mausoléu imperial em São Petersburgo e que o Imperador Aleksandr I está escondido sob o disfarce deste estranho homem.»

O meu falecido irmão, o Grão-Duque Nikolai Mikhailovich, passou vários anos a trabalhar nos arquivos da nossa família, a ver se encontrava algo que corroborasse esta lenda espantosa. Ele acreditava na sua plausibilidade emocional, mas os diários

do nosso avô, o Imperador Nikolai I, estranhamente, nem sequer referiam o facto de ele ter visitado Feodor Kusmich.

A sentinela do palácio imperial de Taganrog pode ter conge-minado a sua história sob a influência dos rumores que haviam dominado a imaginação popular no início da década de 1830. Todavia, a mentalidade mística que o Imperador Aleksandr desenvolveu nos últimos anos do seu reinado sempre podia ser usada como poderoso argumento pelos historiadores inclinados a defender a identidade imperial do silencioso eremita siberiano.

Desgastado pelas contínuas guerras com Napoleão, profundamente desiludido com a insinceridade dos aliados alemães, austríacos e ingleses, o meu tio-avô imperial gostava de passar meses no retiro provincial do seu palácio em Taganrog, a ler a Bíblia para a sua bela e triste consorte, que nunca se conformara com a ausência de filhos do casal. Vítima de insónias, levantava-se a qualquer hora da noite e tentava em vão aliviar o espírito, repleto de imagens de um passado tempestuoso.

Duas cenas em particular costumavam assombrar-lhe a memória: o Conde Pahlen a entrar no quarto dele na manhã de 11 de março de 1801, para lhe anunciar o assassinio do seu pai, o Imperador Pavel I; Napoleão a abraçá-lo em Tilsit e a prometer-lhe manter uma paz eterna na Europa. Estas duas pessoas roubaram-lhe a juventude e cobriram-lhe as mãos de sangue.

Uma e outra vez, ele leu as palavras do Eclesiastes, deixando-as bastante sublinhadas a lápis: «Atentei a todas as obras que se fazem debaixo do sol; e eis que tudo era vaidade e desejo vão.»